

Editorial

A Editora Escuta, de São Paulo, acaba de publicar o livro de E. R. Dodds, *Os gregos e o irracional*. Editado originalmente pela Califórnia University Press, em 1950, este livro guarda uma grande originalidade de pensamento ao se perguntar se os gregos eram realmente tão cegos assim para a importância de fatores não racionais na experiência e no comportamento humanos, como admitem normalmente tanto seus defensores quanto seus críticos.

No capítulo sobre “Padrão de sonho e padrão de cultura”, Dodds desenvolve um argumento da maior importância para a psicopatologia fundamental.

Segundo o helenista norte-americano, o ser humano divide com alguns outros poucos mamíferos o privilégio de possuir cidadania em dois mundos distintos. Ele goza, em diária alternância, de dois tipos de experiência – “visão da realidade” e “sonho”, como os gregos as chamavam –, cada qual com sua lógica e limitações próprias. Não há obviamente nenhuma razão para achar que uma delas é mais significativa do que outra. Se o mundo da vigília tem as vantagens de solidez e de continuidade, suas oportunidades sociais são, por outro lado, terrivelmente restritas. Dentro dele só podemos, via de regra, encontrar nossos vizinhos;

ao passo que o mundo dos sonhos oferece a possibilidade de um relacionamento, ainda que fugidio, com amigos distantes, com mortos e deuses. Para homens normais é a única experiência pela qual eles podem escapar dos ofensivos e incompreensíveis grilhões do tempo e do espaço. Não é portanto de surpreender a lentidão do homem em confinar a realidade a apenas um desses dois mundos, descartando o outro como pura ilusão. Tal estágio foi atingido nos tempos antigos apenas por um reduzido número de intelectuais; e há, ainda hoje, muitos povos primitivos que conferem igual valor a alguns tipos de experiência onírica e à vida desperta, apesar da distinção clara entre elas. Uma tal simplicidade provocava sorrisos piedosos por parte dos missionários do século XIX, mas em nossos tempos foi descoberto que os primitivos estavam em princípio mais próximos da verdade do que os missionários. Afinal de contas, como vemos agora, os sonhos são altamente significativos. A arte antiga de *oneirocritice* continua a gerar homens engenhosos, de grande vivacidade, e os mais eruditos de nossos contemporâneos se apressam a relatar seus sonhos a um especialista, de modo tão sério e ansioso quanto o homem supersticioso de Teofrasto.

Contra este pano de fundo histórico, acredita Dodds ser válido um novo exame da atitude dos gregos face à experiência do sonho. Segundo ele, há dois modos de ver a experiência de sonho de uma cultura passada: podemos tentar enxergá-la através dos olhos dos próprios sonhadores e assim reconstruir, tanto quanto possível, o que ela significava para sua consciência desperta; ou podemos tentar, aplicando princípios derivados da análise moderna dos sonhos, ir de seu conteúdo manifesto ao seu conteúdo latente.

Dodds, entretanto, não está interessado com a experiência de sonho dos gregos, mas com a atitude grega diante dessa experiência pois as possíveis diferenças entre o homem grego e a atitude moderna talvez reflitam não apenas modos diferentes de interpretar o mesmo tipo de experiência, mas variações no próprio caráter da experiência.

Análises recentes a propósito dos sonhos de povos primitivos contemporâneos sugerem que, lado a lado com sonhos comuns de ansiedade e de realização de desejos, há outros cujos conteúdos manifestos são determinados pelo padrão de cultura local. Com isso Dodds não quer apenas dizer que, por exemplo, um americano de hoje sonhe com uma viagem de avião enquanto o primitivo sonhará com um vôo de águia conduzindo ao paraíso; mas que em muitas sociedades primitivas há estruturas de sonho que dependem de um tipo de crença que é socialmente transmitido, e que elas já não ocorrem quando a crença pára de ser alimentada. Não é apenas a escolha deste ou daquele símbolo, mas a própria natureza do sonho que parece conformar-se com um padrão rígido imposto pela tradição. É evidente, acrescenta Dodds, que tais sonhos estão intimamente relacionados ao mito, do qual se tem falado, com razão, tratar-se

do pensamento onírico de um povo, assim como o sonho seria o mito do indivíduo.

Tendo isso em mente, Dodds trata de considerar que espécie de sonhos são descritos por Homero, e como o poeta os apresenta e nota que na maior parte de suas descrições de sonhos, os poetas homéricos tratam o que é visto como se fosse “fato objetivo”. O sonho é normalmente apresentado como uma visita feita por uma figura onírica a um homem ou mulher adormecido – a própria palavra *oneiros* em Homero quase sempre significa figura onírica e não experiência onírica. Esta figura onírica pode ser um deus, um fantasma, um mensageiro de sonhos preexistentes, ou ainda uma “imagem” (*eidolon*) criada especialmente para a ocasião. Porém, o que quer que seja, ela existe de maneira objetiva no espaço, independentemente do sonhador. Ela encontra passagem pelo buraco da fechadura (uma vez que os quartos, em Homero, não possuem nem janelas nem chaminés); se coloca à cabeceira da cama para transmitir sua mensagem e, enfim, quando o trabalho está feito, se afasta pelo mesmo caminho. Enquanto isso, o sonhador permanece quase completamente passivo: ele vê uma figura, ouve uma voz e ponto final.

Tudo isso guarda pouca semelhança com nossa própria experiência de sonhos, observa Dodds. Os gregos nunca falavam, como nós, de *ter* um sonho, mas sempre de *ver* um sonho. A frase é apropriada apenas para sonhos do tipo passivo, mas é encontrada, também, mesmo quando o sonhador é, ele mesmo, a figura central da ação do sonho. Diz-se aqui novamente que o sonho não é apenas uma “visita” ao sonhador, mas também que ele “o vigia”.

Ora, essa estranha (para nós, ocidentais contemporâneos) experiência onírica, onde o sonho nos observa e é visto como um fato objetivo, coloca um problema para a concepção de *páthos*.

Se restringimos nossa posição considerando *páthos* como o gozo, um excesso nascido no corpo e adquirindo estatuto psíquico através da constituição da pulsão, estamos comprometidos com a natureza endógena do assujeitamento, do sofrimento e da paixão. Somos psicopatológicos porque estamos submetidos ao gozo, um excesso endógeno do prazer/desprazer.

Se, entretanto, como os gregos antigos, supormos que o *páthos* vem de fora e de longe, a própria noção de psicopatologia se altera.

Esta última concepção, apesar de não ser hegemônica no Ocidente contemporâneo, onde, desde a metade do século XIX, se cunhou a teoria da degenerescência para dar conta do *páthos*, ainda assim está presente nas teorias culturalistas onde o Outro adquire grande importância. Somos, aí, visitados em nossos excessos pelo desejo do Outro. Ou ainda, podemos pensar, como Lacan, que o desejo é sempre o desejo do Outro e que, portanto, endógeno e exógeno não se diferenciam.

O *páthos*, assim como o gozo, guarda um princípio de indeterminação que o torna enigmático e atraí, como sempre, a atenção do outro. Por isso, ele se torna, no Ocidente contemporâneo, objeto de pesquisa da psicopatologia fundamental, ou seja, de uma psicopatologia que não é nem objetiva nem ocorre exclusivamente no plano da consciência.

*

* *

A Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental mantém, desde junho, uma revista eletrônica trimestral: *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology on Line* que pode ser obtida no endereço:

<http://www.fundamentalpsychopathology.org>